



SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA

BELLS AND BOWLS

NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves.

10.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. estudos & memórias 10. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 364 p.

Capa e contracapa: Victor S. Gonçalves e TVM Designers.
Capa: vaso «campaniforme» do escultor Francisco Simões, Edição Multiface 1/1500. Produzido em 1988 no Atelier Vasconcelos. Francisco Simões nunca tinha visto um vaso campaniforme autêntico. Contracapa: detalhe da superfície externa do vaso proveniente da necrópole do Casal do Pardo, sem indicação de gruta. MNA 984.670.53. Fotos Victor S. Gonçalves.

Paginação e Artes finais: TVM designers
Impressão: AGIR Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-99146-5-0 / Depósito Legal: 435 925/17

Copyright ©, 2017, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2017.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p.

TÁBUA

Sinos, taças e coisas assim, junto ao oceano e mais longe. Algumas reflexões sobre a presença campaniforme em Portugal VICTOR S. GONÇALVES	6
O campaniforme de Alcalar no contexto do extremo sul ELENA MORÁN	28
Para uma leitura sociopolítica do campaniforme do Guadiana. Longas viagens com curta estada no Porto das Carretas JOAQUINA SOARES	38
<i>We are ancients, as ancient as the sun</i> : Campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do 3.º milénio BCE no Alentejo Central RUI MATALOTO	58
Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales ANTÓNIO CARLOS VALERA • ANA CATARINA BASÍLIO	82
O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANDRADE	98
O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade JOÃO LUÍS CARDOSO	126
Entre os estuários do Tejo e do Sado na 2.ª metade do III milénio BC: o fenómeno campaniforme CARLOS TAVARES DA SILVA	142
<i>Entre a Foz e a Serra</i> : apontamentos sobre a cerâmica campaniforme do povoado pré-histórico da Parede (Cascais) VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANTÓNIO ANDRADE • ANDRÉ PEREIRA	158
Ritmos de povoamento e cerâmica campaniforme na área da Ribeira de Cheleiros (Mafra e Sintra, Lisboa) ANA CATARINA SOUSA	170
Campaniforme em Zambujal (Torres Vedras) MICHAEL KUNST	194

Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences	214
ANTÓNIO CARLOS VALERA	
.....	
A looking in view: cultural expressions of Montejunto Bell Beakers	230
ANA CATARINA BASÍLIO • ANDRÉ TEXUGO	
.....	
Bell beaker contexts in Portugal: the northern and the Douro region basin	238
MARIA DE JESUS SANCHES • MARIA HELENA LOPES BARBOSA	
ALEXANDRA MARIA FERREIRA VIEIRA	
.....	
El fenómeno campaniforme en el Sudeste de la Península Ibérica: el caso del Cerro de la Virgen (Orce, Granada)	258
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ • JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO	
ALBERTO DORADO ALEJOS • MARÍA VILLARROYA ARÍN	
.....	
La cerámica campaniforme del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). Nuevas aportaciones al complejo cultural del Sureste	276
ALBERTO DORADO ALEJO • FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ	
JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO • JESÚS GÁMIZ CARO	
.....	
Producción y consumo de cerámica campaniforme en Valencina de la Concepción 00(Sevilla, España): una propuesta interpretativa desde el análisis de los contextos de la calle Trabajadores	288
NUNO INÁCIO • FRANCISCO NOCETE • ANA PAJUELO PANDO	
PEDRO LÓPEZ ALDANA • MOISÉS R. BAYONA	
.....	
Campaniforme y Ciempozuelos en la región de Madrid	302
CORINA LIESAU VON LETTOW-VORBECK	
.....	
Redefining Ciempozuelos. Bell-beaker culture in Toledo?	324
PRIMITIVA BUENO-RAMÍREZ • ROSA BARROSO-BERMEJO • RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN	
.....	
La sal y el campaniforme en la Península Ibérica: fuente de riqueza, instrumento de poder ¿y detonante del origen del estilo marítimo?	342
ELISA GUERRA DOCE	
.....	
A metalurgia campaniforme no Sul de Portugal	354
ANTÓNIO M. MONGE SOARES • PEDRO VALÉRIO • MARIA FÁTIMA ARAÚJO • RUI SILVA	
.....	
Workshop Sinos e Taças (campaniformes). Algumas imagens	364
.....	

|||||

O POVOAMENTO CAMPANIFORME EM TORNO DO ESTUÁRIO DO TEJO: CRONOLOGIA, ECONOMIA E SOCIEDADE

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Aberta (Lisboa)

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

cardoso18@netvisao.pt

|||||

RESUMO A nítida predominância em cada uma das estações campaniformes apresentadas, pertencentes à região ribeirinha do estuário do Tejo, das produções correspondentes a apenas um dos grupos campaniformes definidos para esta região na década de 1970, parece ser o resultado da natureza dos estabelecimentos, afigurando-se, com base nas datações absolutas obtidas, independente da respectiva cronologia, abrangendo – com exceção da Cabana FM de Leceia e da necrópole em gruta natural da Verdelha dos Ruivos – toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. Com efeito, enquanto nos sítios fortificados, como Leceia, Penha Verde e Moita da Ladra, são as produções do Grupo Internacional que predominam, já nos sítios abertos como Monte do Castelo e Freiria, são as do Grupo Inciso que se afiguram quase exclusivas, dado que o Grupo de Palmela se acantona principalmente em torno do estuário do Sado. A evidente complexidade do «fenómeno» campaniforme na região em apreço já não se coaduna com o modelo de existência dos três grupos sucessivamente mais modernos que têm sido até agora considerados (Grupo Internacional; Grupo de Palmela e Grupo Inciso). E a assinalável antiguidade das produções tradicionalmente reportadas a qualquer um deles, conforme foi comprovado na Cabana FM de Leceia pelas datações por AMS, onde ocorrem conjuntamente, confirmando resultados anteriores, tem presentemente diversos paralelos conhecidos, alguns deles recentemente publicados. Como principal conclusão, podemos considerar na Baixa Estremadura – uma das mais importantes regiões à escala europeia para a discussão da origem e difusão do «fenómeno» campaniforme – a existência de uma formação social com características culturais próprias, cuja existência acompanhou o desenvolvimento local do Calcolítico, sugerindo a existência de dois vectores culturais independentes e coexistentes, com prováveis implicações de ordem social.

PALAVRAS-CHAVE: campaniforme; estuário do Tejo; cronologia absoluta; economia e sociedade.

ABSTRACT The general predominance in all the sites presented of bell beaker productions of one of the three Beaker groups traditionally considered in the Portuguese Estremadura since the decade of 1970, seems to result from the nature of the establishments rather than from their chronology, covering a time span corresponding to all the second half of the 3rd Millennium BC. Thus, while ceramics of the International Group predominate in the fortified sites, such as Leceia, Penha Verde and Moita da Ladra, it is the Incised Group that appears almost exclusively in the open sites (Monte do Castelo, Freiria), the Palmela Group seems to be a more circumscribed group around the Sado Estuary. Moreover, as shown by the data from FM hut at Leceia, which incorporates productions of all three groups, its chronology, in the second quarter of the 3rd millennium BC, confirmed by the AMS dates, has several parallels, some of them recently published. As a major conclusion, we can consider in the Lower Estremadura – one of the most important region in the Europe for the discussion of the origin and diffusion of the Beaker «phenomenon» – the existence of a Beaker social formation with its own cultural characteristics, that accompanied along the development of the local Chalcolithic communities, though was never confused with them.

KEYWORDS: Bell Beaker; Tagus estuary; absolute chronology; economy and social organization.

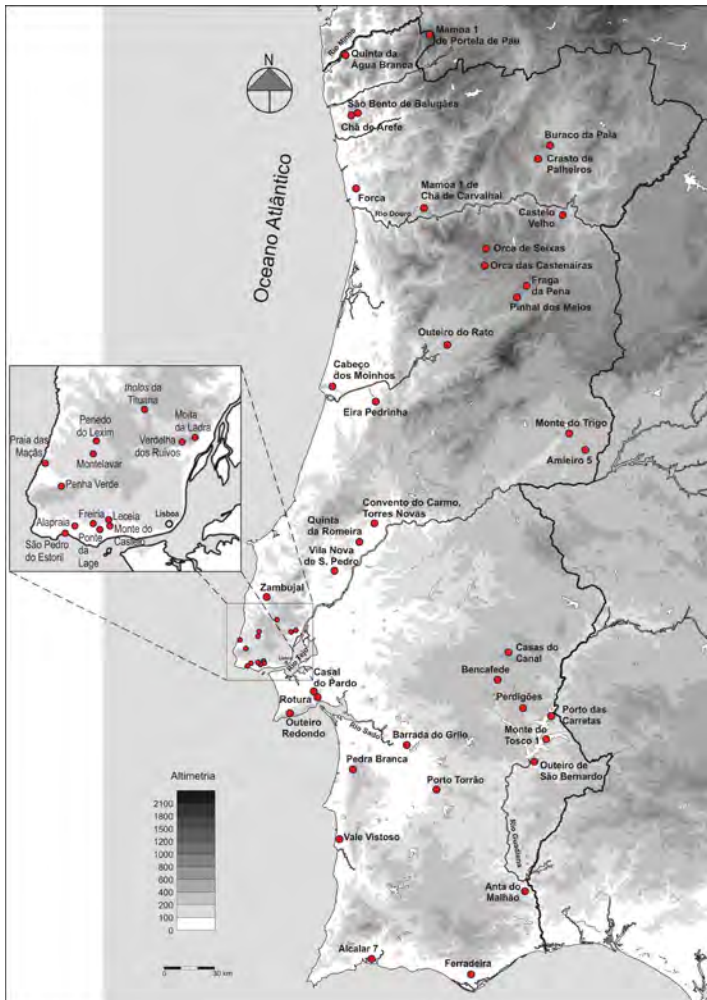


FIG. 1 principais sítios campaniformes do território português.

1. INTRODUÇÃO

As investigações sobre as características que assumiu o «fenómeno» campaniforme no território português (Fig. 1), designadamente no respeitante ao seu faseamento interno e sua correspondência com o registo material identificado, conheceram recentemente impulsos diversos e em alguns casos decisivos (Cardoso, 2014a).

Em particular, no que respeita à Estremadura portuguesa, os elementos obtidos relativamente a cada um dos sítios campaniformes que serão de seguida apresentados, e em cuja escavação ou publicação o signatário interveio directamente, desde há mais de 25 anos, impunham uma síntese que foi entretanto publicada (Cardoso, 2014 b), correspondendo esta comunicação a uma revisão das principais conclusões, de ordem cronológica, económica e social então apresentadas, na perspectiva de se conhecerem as características sociais e económicas das comunidades que, no decurso do 3.º milénio a.C. ocuparam a região ribeirinha da margem norte do estuário do Tejo, uma das mais importantes, a nível europeu, para a discussão da génese e difusão do campaniforme.

2. SÍTIOS E MATERIAIS (Fig. 2)

2.1. POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

São duas as áreas de distribuição de espólios campaniformes que devem ser consideradas neste sítio arqueológico de primeira grandeza (Fig. 3), com significados sócio-culturais distintos: a área situada no interior da fortificação e a identificada no exterior daquela (Fig. 4).

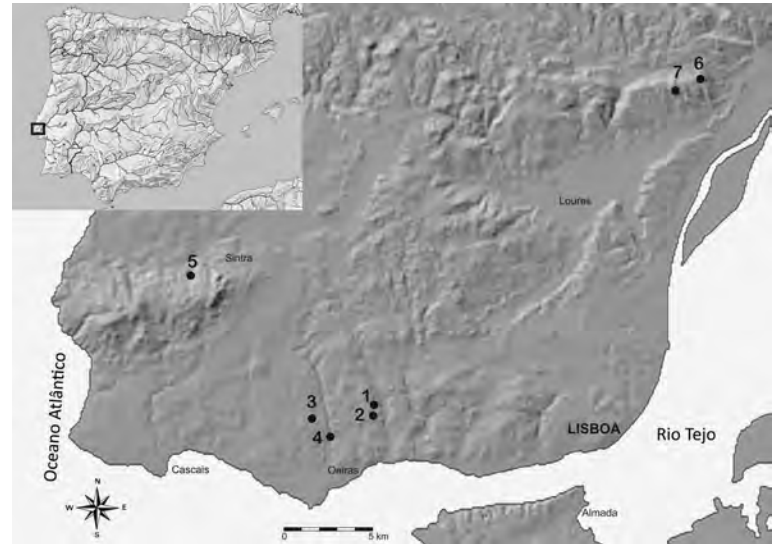


FIG. 2 localização dos sítios estudados.



FIG. 3 Leceia. Fotografia aérea da área escavada do povoado até 1991 (foto G. Cardoso).

INTERIOR DA FORTIFICAÇÃO

No interior da fortificação dominam os vasos com decoração a pontilhado, situação com paralelo nos outros dois sítios fortificados estudados – Penha Verde (Cardoso, 2010/2011) e Moita da Ladra (Cardoso, 2014 c). A cronologia absoluta abarca toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. tal qual o observado naqueles dois sítios fortificados, para além de outros da mesma região com idêntica presença.

A distribuição espacial dos materiais campaniformes indica a sua concentração na área nuclear da estação arqueológica, correspondente à ocupação mais recente da mesma, no decurso do Calcolítico Pleno/Final. Com efeito, sem que a área restante do espaço defendido tenha deixado de ser habitada, verifica-se uma efectiva retracção da ocupação humana na passagem do Calcolítico Inicial (fase das produções dos copos canelados) para o Calcolítico Pleno/Final (fase das produções de cerâmicas decoradas com motivos «folha de acácia» e «crucífera» associadas a produções campaniformes, no caso representadas essencialmente por vasos marítimos.

EXTERIOR DA FORTIFICAÇÃO

No exterior da fortificação, avulta a existência de duas cabanas campaniformes, de planta elipsoidal construídas a escassos metros da primeira linha defensiva (Cardoso, 1997/1998) (Fig. 5).

CABANA FM

Apesar da vida curta desta estrutura, determinada pela sua própria natureza, de planta elipsoidal e munida de uma entrada, definida por soleira (Fig. 6), os espólios campaniformes que se concentravam no seu interior evidenciam assinalável heterogeneidade.

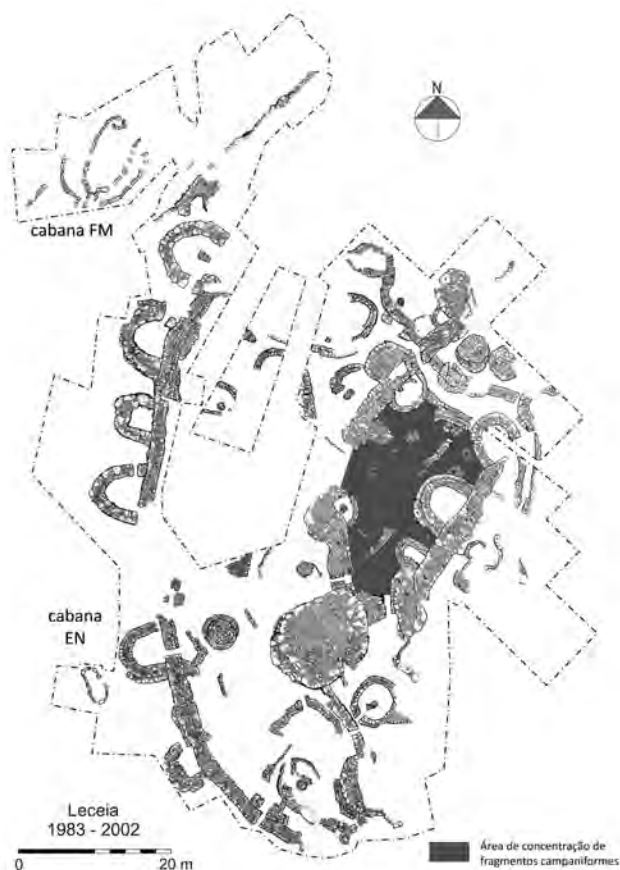


FIG. 4 Leceia. Planta da área escavada com as duas cabanas de planta elipsoidal e com a delimitação da zona de maior concentração de vestígios no interior da fortificação.

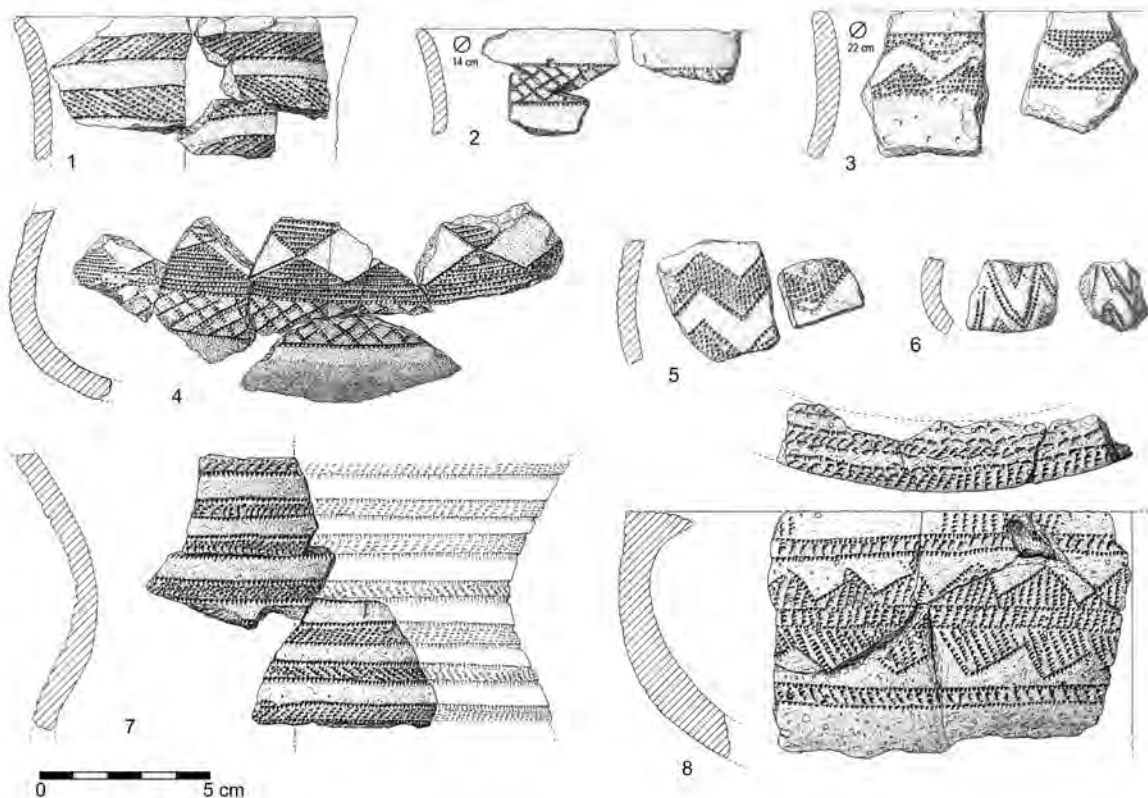


FIG. 5 Leceia. Espólios campaniformes do interior da fortificação (desenhos de B. L. Ferreira).



FIG. 6 Leceia. Vista geral do embasamento da Cabana FM, de planta elipsoidal, munida de uma entrada, definida por laje colocada de cutelo, definindo soleira (foto de J. L. Cardoso).

Os mesmos não poderiam ter vindo de outras áreas da estação e não se apresentam rolados, prova de que resultaram de uma única fase de acumulação, coeva da ocupação da cabana. As cerâmicas decoradas são exclusivamente campaniformes. Pode assim concluir-se que os 108 fragmentos campaniformes recolhidos no espaço interior da cabana correspondem aos detritos produzidos no decurso da sua ocupação, por certo durante um período limitado de tempo, possuindo a

seguinte distribuição tipológica no respeitante aos grupos mais abundantes de recipientes (Fig. 7):

- Vasos marítimos decorados a pontilhado – 13
- Caçoilas de ombro com decoração incisa – 11
- Taças em calote com decoração a pontilhado – 23
- Taças Palmela com decoração a pontilhado – 7
- Taças Palmela com decoração incisa – 7

CABANA EN

Trata-se da cabana de planta elipsoidal, tal como a Cabana FM, embora de menores dimensões (Fig. 8). A distribuição tipológica das produções campaniformes recolhidas no seu interior, que correspondiam à totalidade das cerâmicas decoradas ali identificadas é a seguinte no respeitante aos três grupos de recipientes mais abundantes (Fig. 9):

- Grandes caçoilas com decoração a pontilhado – 4
- Grandes caçoilas com decoração incisa – 2
- Taças Palmela com decoração incisa – 4

Comparado estes resultados com os relativos ao conjunto recolhido na Cabana FM, nota-se uma notória diminuição do repertório formal e decorativo, o que se

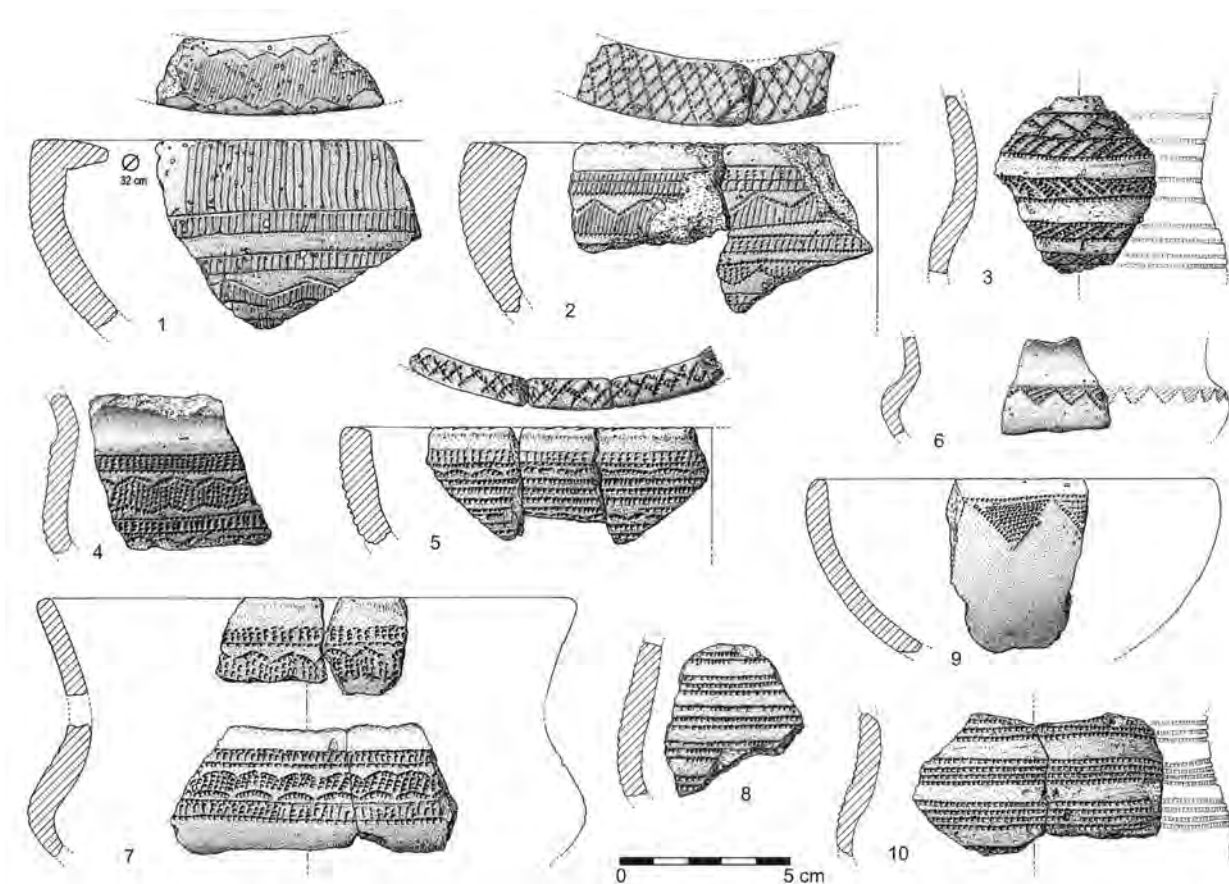
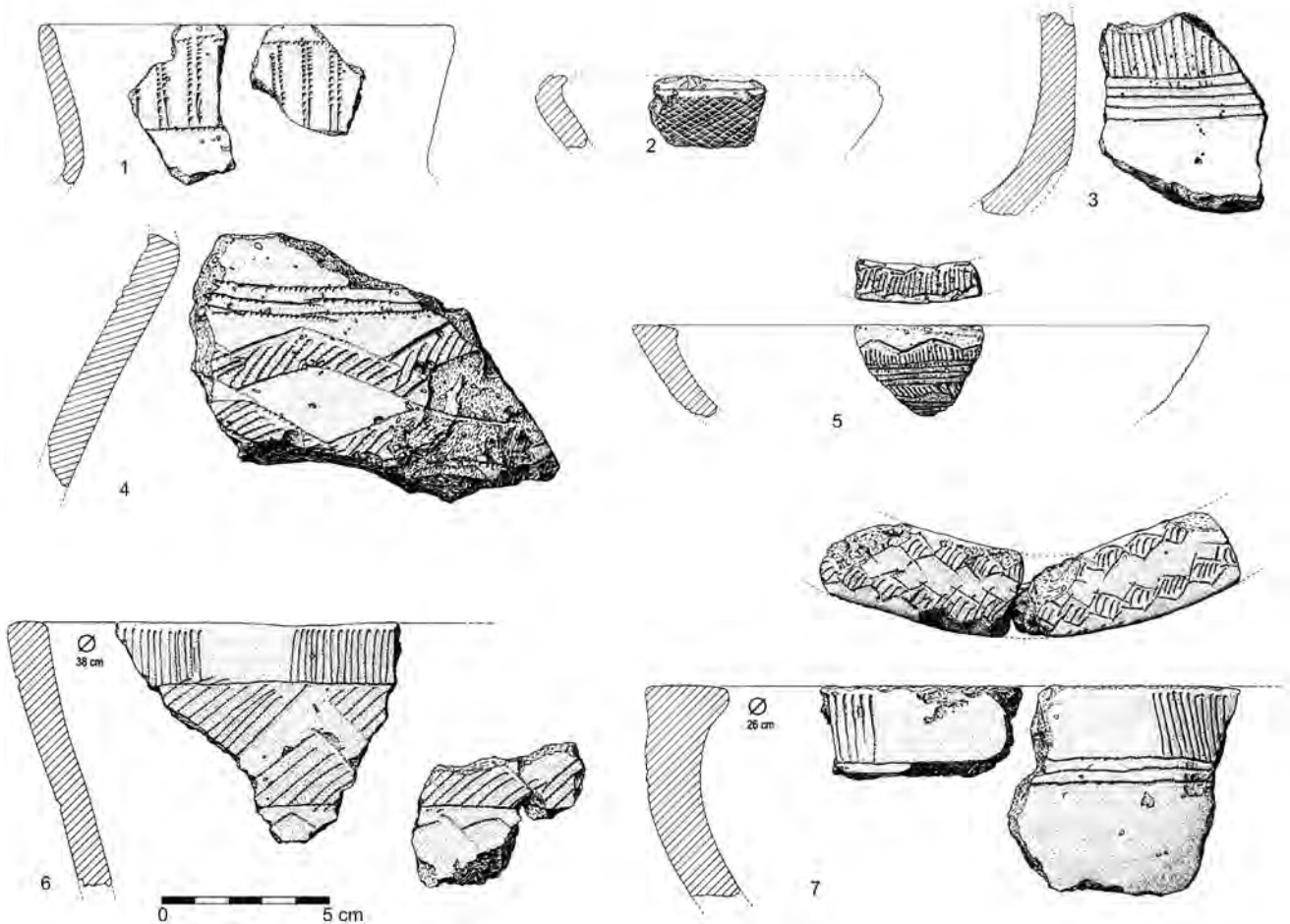


FIG. 7 Leceia. espólios da Cabana FM (desenhos de B. L. Ferreira).



FIG. 8 Leceia. Vista geral do embasamento da cabana EN de planta elipsoidal, como a Cabana FM (foto de J. L. Cardoso).

FIG. 9 Leceia. Materiais campaniformes recolhidos no interior da Cabana EN que constituíam, tal como na Cabana FM, a totalidade das produções cerâmicas decoradas (desenhos de B. L. Ferreira).



poderia atribuir às menores dimensões da cabana, não fosse o facto de tais diferenças terem características qualitativas e não apenas quantitativas.

É nítido o domínio da técnica incisa e a falta absoluta de vasos marítimos, ao contrário do verificado na Cabana FM, onde dominava a técnica a pontilhada e aqueles abundavam.

A cronologia é mais recente que a obtida para a cabana FM, o que é consentâneo com a tipologia dos espólios recolhidos.

2.2. MONTE DO CASTELO

Trata-se de local muito circunscrito de sector da encosta direita da ribeira de Barcarena, a cerca de 1 km a Sul de Leceia (Fig. 10), onde tudo leva a crer que, aquando da realização de uma lavra mais profunda do terreno, tenha sido atingido um fundo de cabana campaniforme, cujos materiais vieram à superfície (Cardoso; Norton; Carreira, 1996). Entre estes, contava-se o resto de dente de boi doméstico submetido a datação.

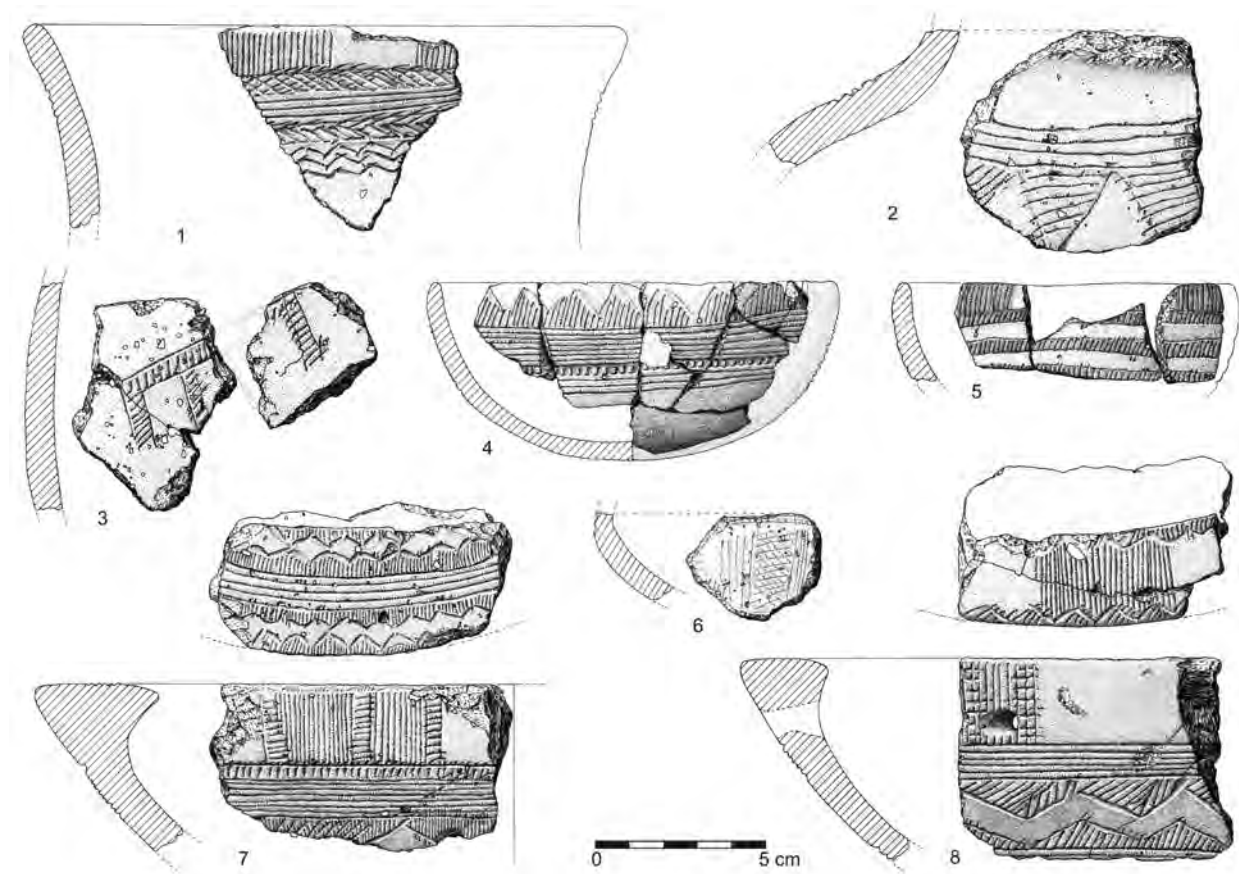


FIG. 10 Monte do Castelo. Conjunto das cerâmicas campaniformes recolhidas (desenhos de B. L. Ferreira).

A recolha circunstancial então realizada mostrou que as produções incisas eram exclusivas, conforme indica a respectiva distribuição (Fig. 10):

- Vasos marítimos incisos – 5
- Taças em calote incisas – 8
- Caçoilas incisas – 6
- Esféricos incisos – 2
- Taças Palmela incisas – 2

Não sendo caso único, pois de há muito é conhecido um vaso marítimo com decoração incisa de uma das grutas artificiais de Palmela (Cardoso, 2014 a, Fig. 2) é interessante a aplicação consistente da técnica incisa à decoração de vasos marítimos, pois tradicionalmente tais produções, consideradas as mais antigas da sequência de cerâmicas campaniformes, seriam previsivelmente decoradas exclusivamente a pontilhado.

2.3. FREIRIA

Trata-se de pequeno povoado aberto onde as cerâmicas decoradas campaniformes eram exclusivas, ocorrendo em camada arqueológica que se desenvolvia por encosta suave, sob uma *villa* romana, ou sob a ocupação da Idade do Ferro ali também identificada. Apesar das severas perturbações na camada pré-his-



FIG. 11 Freiria. Estrutura de combustão campaniforme no interior de cabana de planta sub-circular (fotos de G. Cardoso).

tórica, foi possível identificar diversas estruturas entre as quais várias lareiras estruturadas, algumas delas relacionadas com uma cabana de planta sub-circular (Fig. 11).

As produções campaniformes, recolhidas em número assinalável, apresentando-se exclusivas entre as produções calcolíticas decoradas, ostentam a seguinte distribuição tipológica (Cardoso; Cardoso; Encarnação, 2013) (Fig. 12):

- Vasos marítimos a pontilhado – 8
- Vasos marítimos incisos – 21
- Caçoilas incisas – 234
- Caçoilas a pontilhado – 35
- Taças em calote incisas – 60
- Taças em calote a pontilhado – 8
- Taças Palmela incisas – 34
- Taças Palmela a pontilhado – 6

Este notável conjunto campaniforme evidencia assinalável homogeneidade interna, sendo dominado pelas decorações incisas, entre as quais, ocorrem diversos vasos marítimos, reproduzindo os motivos de bandas produzidos usualmente por pontilhado, tal qual

se tinha já observado no Monte do Castelo. Da mesma forma, as escassas taças Palmela a pontilhado, que corporizariam um dos grupos tradicionais da Estremadura, encontram-se claramente subordinadas às suas homólogas incisas.

O conjunto, sendo claramente dominado pelas caçoilas incisas de médias e grandes dimensões, inclui, ainda, algumas formas escassas, como as garrafas ou os vasos esféricos (desde os de grande capacidade aos de pequeno tamanho), ou mesmo formas até agora não assinaladas no registo campaniforme da Estremadura, com destaque para os esféricos altos, alguns com o lábio decorado (como as taças Palmela).

2.4. GRUTA DA PONTE DA LAJE

Trata-se de cavidade natural, talvez com a entrada afeiçoada, aberta nos calcários duros recifais do Cenomaniano superior formando cornija junto da margem esquerda da ribeira da Laje (Fig. 13).

O espólio campaniforme, recuperado nas escavações realizadas em 1879 sob as ordens de Carlos Ribeiro, foi recentemente estudado de forma exaustiva (Cardoso, 2013); evidencia grandes afinidades com o de Freiria, com largo domínio das produções incisas, sendo admis-

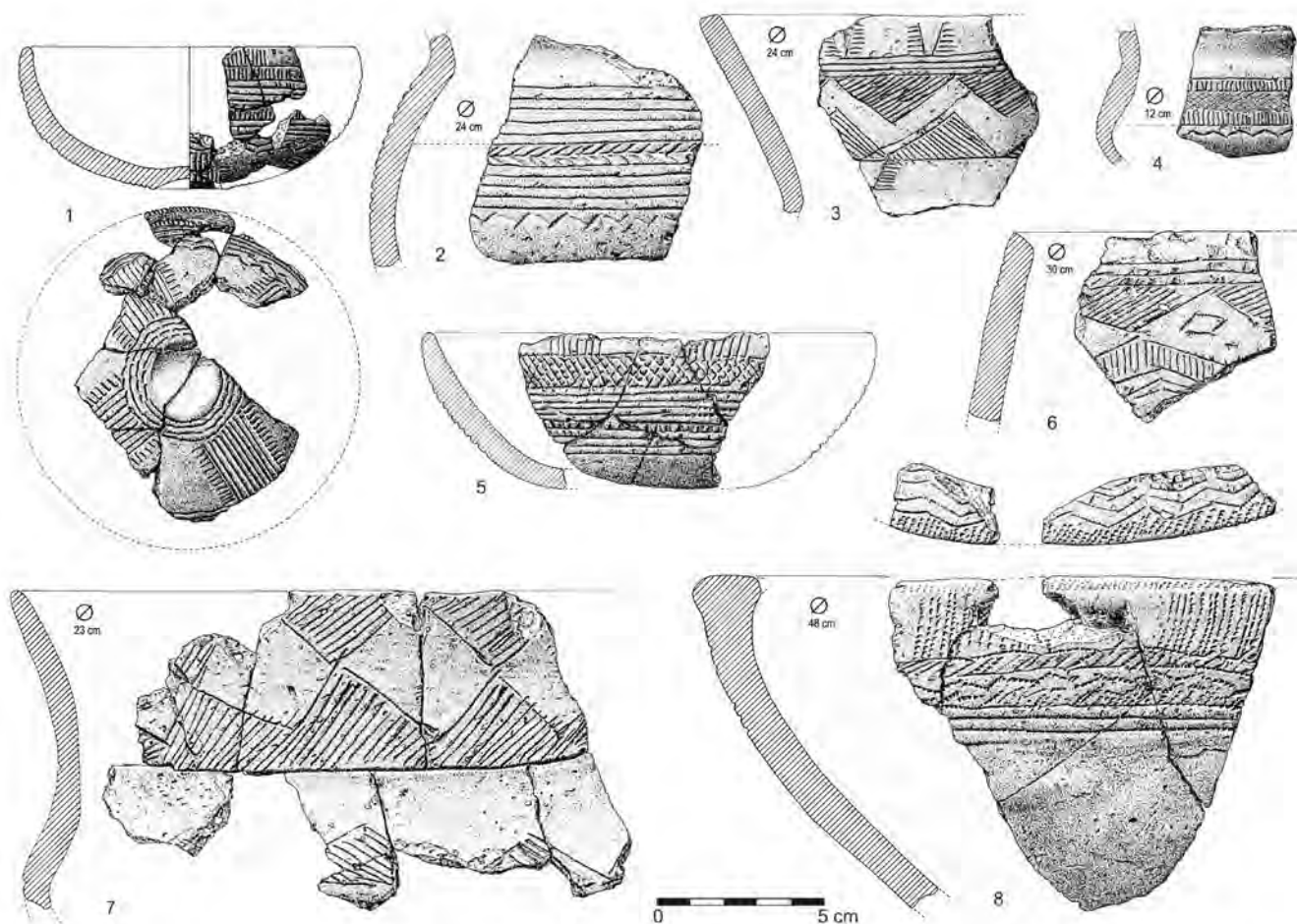


FIG. 12 Freiria. Produções campaniformes (desenhos de B. L. Ferreira e de F. Martins).



FIG. 13 Gruta da Ponte da Laje. Enquadramento da implantação da gruta, situada no centro da foto, na década de 1940 (foto arquivo J. L. Cardoso).

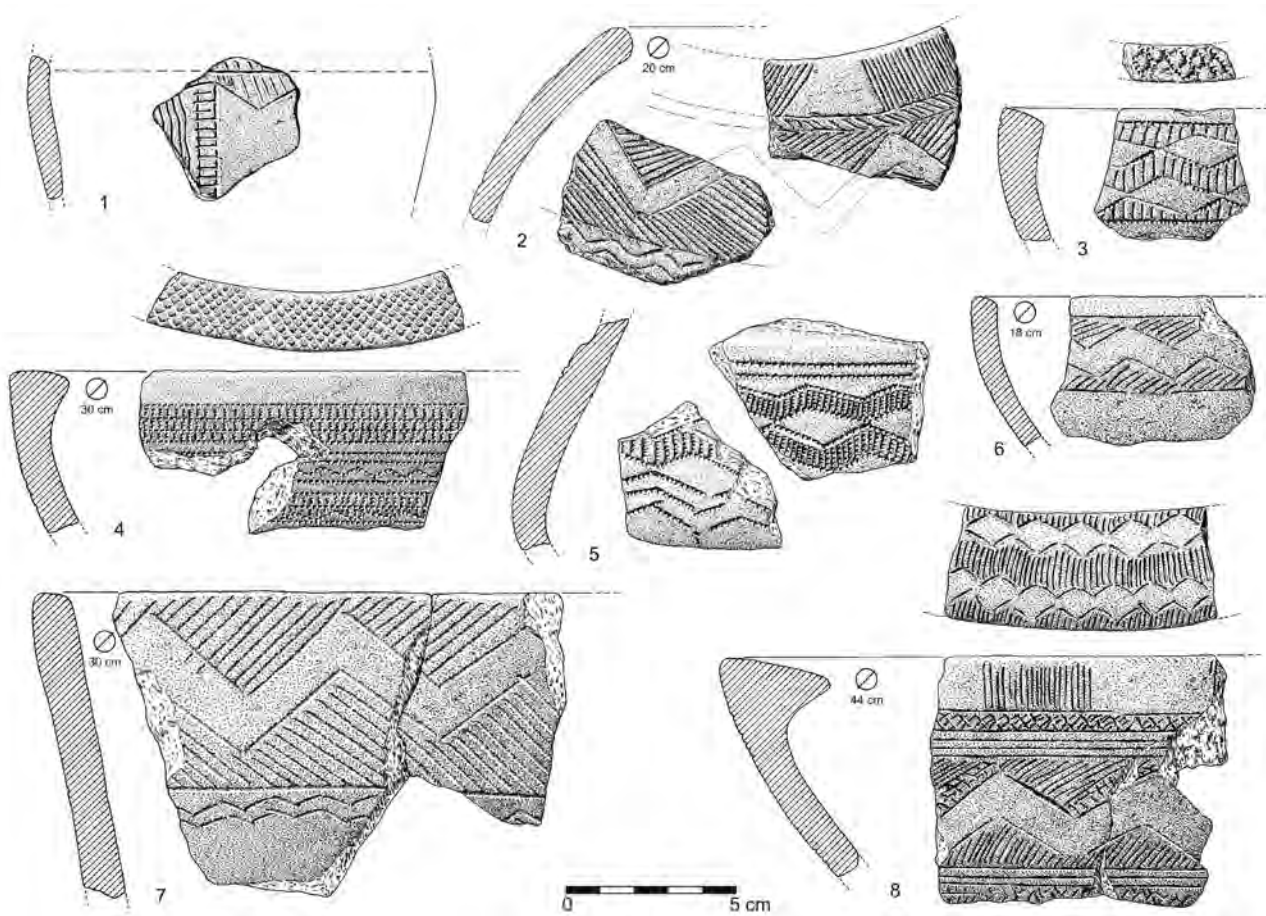


FIG. 14 Gruta da Ponte da Laje. Cerâmicas campaniformes (desenhos de F. Martins).

sível que se trate de um dos espaços funerários daquele povoado, conclusão reforçada pela cronologia de ambos ser em boa parte idêntica. A distribuição tipológica das formas identificáveis é a seguinte (Fig. 14).

- Caçoilas incisas – 12
- Caçoilas a pontilhado – 3 (sendo uma de ombro)
- Taças Palmela incisas – 9
- Taças Palmela a pontilhado – 1

2.5. PENHA VERDE

Trata-se de povoado de altura, implantado na encosta setentrional da serra de Sintra, com indícios de ter sido muralhado. Os espólios indicam uma fase de ocupação principal, remontando ao Calcolítico Pleno/Final, caracterizada pela associação de produções cerâmicas de carácter regional do grupo «Folha de acácia» e «crucífera», associadas a produções campaniformes.

Reconheceram-se duas cabanas de planta circular, construídas com lajes calcárias justapostas, as quais foram procuradas fora da área granítica onde se implanta o povoado (Fig. 15).

Uma destas unidades habitacionais (Cabana 2) relacionava-se com um depósito de acumulação de detritos domésticos dela oriundos (Fosso).

A distribuição das produções campaniformes pelos diversos *loci* explorados foi recentemente caracterizada de forma exaustiva (Cardoso, 2010/2011) e evidencia a predominância dos vasos marítimos a pontilhado (41 exemplares), a que se somam mais 17 da variante linear pontilhada e 1 incisa (Fig. 16).



FIG. 15 Penha Verde. Cabanas 1 e 2 de planta circular (in Zbyszewski e Ferreira, 1958, Figs. 1 e 4).

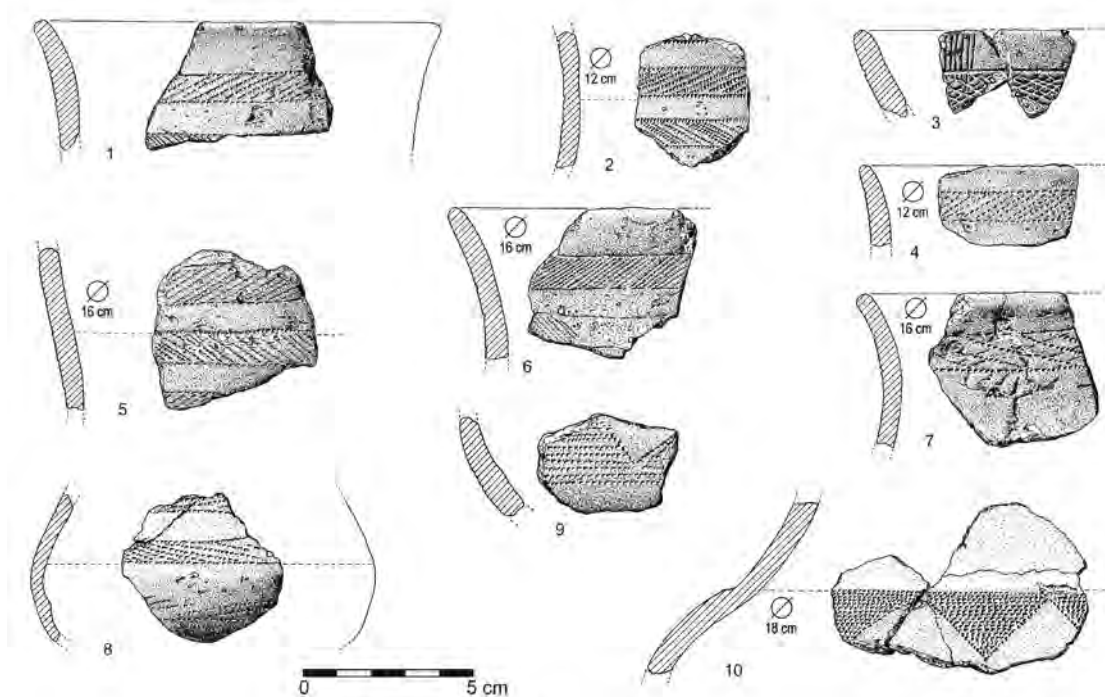
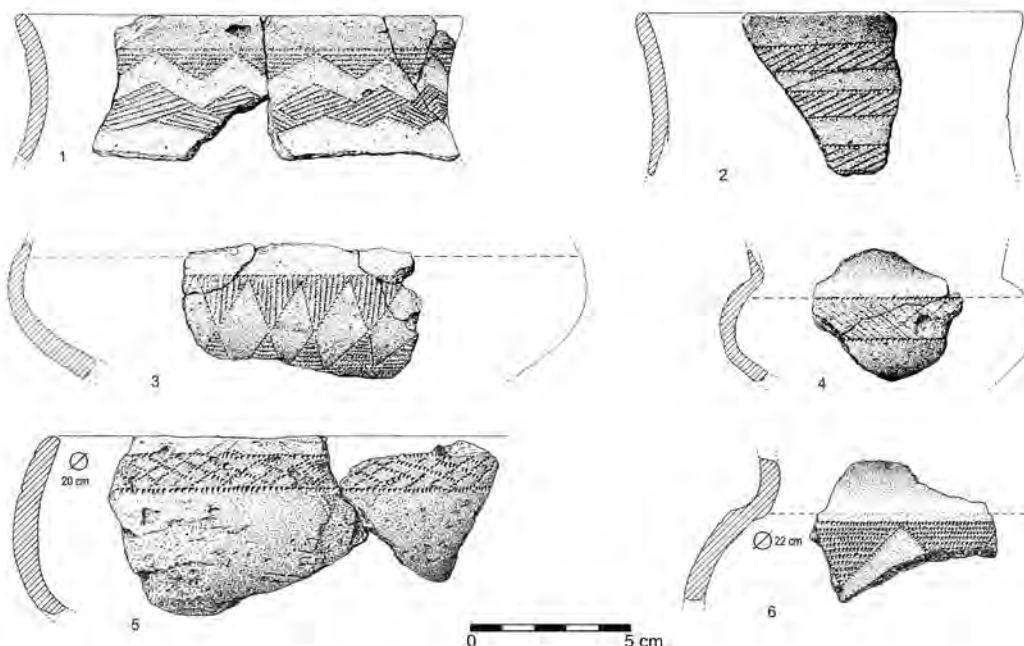


FIG. 16 Penha Verde. Cerâmicas campaniformes recolhidas nas Cabanas 1 e 2.



FIG. 17 Moita da Ladra. Vista aérea do sítio, implantado no topo de uma chaminé basáltica dominando todo o estuário interior do Tejo (fotos de J. L. Cardoso / B. L. Ferreira)

FIG. 18 Moita da Ladra. Cerâmicas campaniformes (desenhos de F. Marins e de B. L. Ferreira):



As caçoilas com decoração geométrica a pontilhado estão representadas por 20 exemplares, mais cinco que as caçoilas incisas.

As taças Palmela são exclusivamente incisas (8 exemplares) e idêntica tendência se observa nas taças em calote, das quais cinco das seis que foram compulsadas possuem decoração incisa.

Nota-se, globalmente, uma clara predominância das decorações a pontilhado associadas a vasos marítimos, podendo admitir-se que certas produções consideradas mais tardias como as taças Palmela incisas, sejam o resultado de uma prolongada ocupação do sítio, como sugere o resultado das datas de radiocarbono disponíveis que indicam três momentos de ocupação diferenciados, todos inseríveis na segunda metade do 3.º milénio a.C. Em todos os contextos, as produções campaniformes estão associadas a produções calcólíticas regionais («folha de acácia»).

2.6. MOITA DA LADRA (VILA FRANCA DE XIRA)

Este povoado fortificado implantava-se no todo de uma chaminé basáltica (Fig. 17), hoje muito arrasada em resultado da lavra de uma pedreira que esteve, contudo, na origem da escavação integral do sítio. (Cardoso, 2014c)

As cerâmicas campaniformes recolhidas associam-se, tal como nos dois povoados de altura supra referidos (Leceia e Penha Verde), a produções calcólíticas regionais («folha de acácia») correspondendo, tal como na Penha Verde a apenas uma única ocupação arqueológica do local. Tal como naqueles dois locais, predominam as produções campaniformes a pontilhado, aqui praticamente exclusivas, observando-se a associação de vasos marítimos ao pontilhado geométrico e a total ausência da taça Palmela (Fig. 18):

- Vasos marítimos com decoração a pontilhado – 31
- Vasos marítimos com decoração linear a pontilhado – 13
- Vasos ou caçoilas com decoração a pontilhado geométrico – 23
- Caçoilas de ombro com decoração a pontilhado – 16
- Esféricos com decoração a pontilhado – 1
- Taças em calote com decoração a pontilhado – 1
- Caçoilas de ombro incisadas – 1

2.7. GRUTA DE VERDELHA DOS RUIVOS

Trata-se de gruta natural, identificada ocasionalmente no decurso de lavra de pedra (Fig. 19). A escavação permitiu a identificação de quase trinta tumulações, distribuídas por quatro níveis distintos; nos casos em que foi possível determinar a posição dos corpos, estes apresentavam-se em decúbito lateral, com as pernas e os braços encolhidos, depositados em covachos recobertos por lajes (Fig. 20). A pequenez da cavidade natural ainda conservada, correspondendo à sua parte mais profunda, bem como a sequência do seu enchimento, feita de forma uniforme e sem soluções de continuidade, correspondente a períodos de

não utilização da necrópole, indica período curto de tumulações, confirmado pelos resultados do radiocarbono.



FIG. 19 Gruta da Verdelha dos Ruivos. Aspecto da gruta natural utilizada como necrópole colectiva exclusivamente no decurso do campaniforme (foto arquivo O. V. F. / J. L. C.).

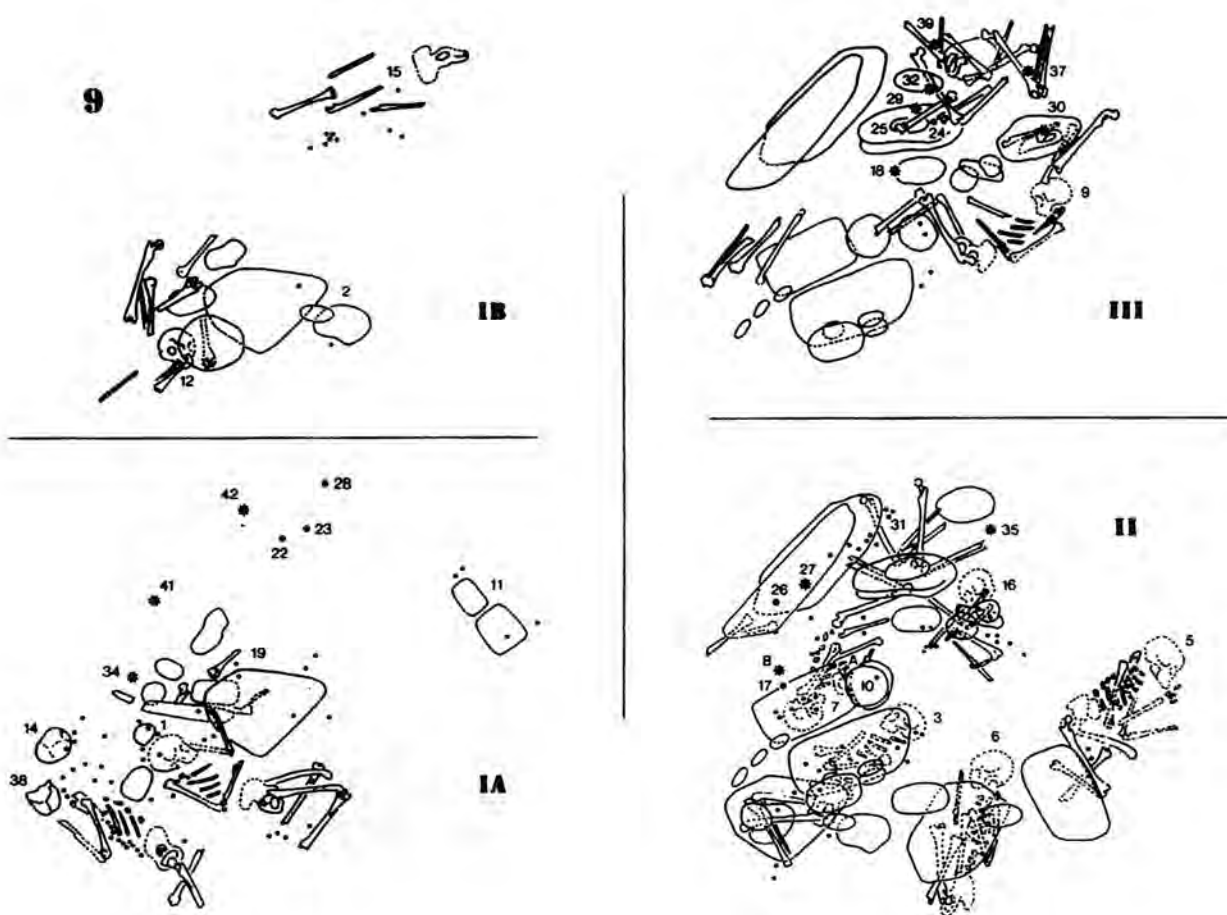


FIG. 20 Gruta da Verdelha dos Ruivos. Planta dos quatro níveis de tumulações campaniformes. Note-se a posição dos corpos, em decúbito lateral, com os braços e pernas encolhidos (in Ferreira e Leitão, 1981).

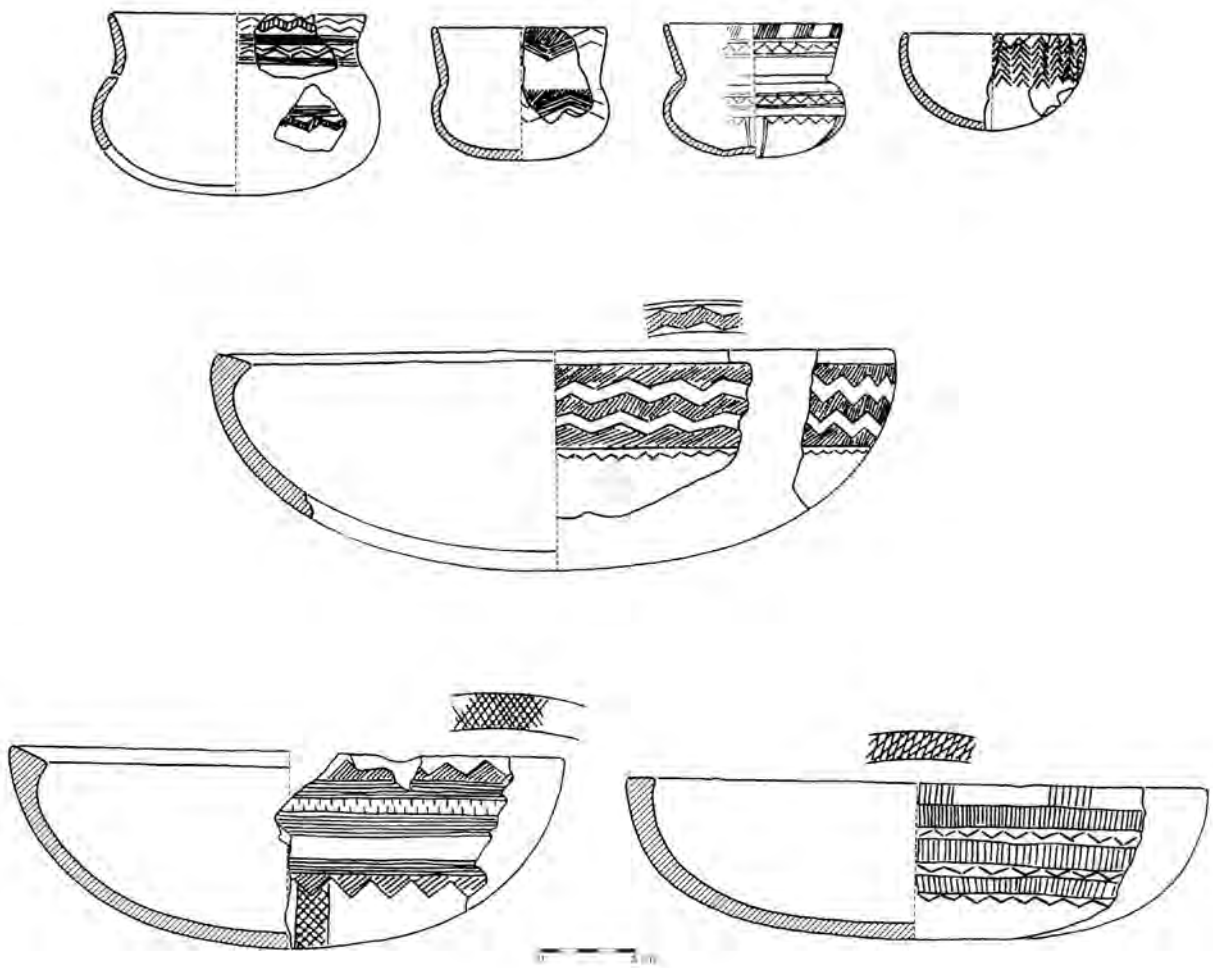


FIG. 21 Gruta da Verdinha dos Ruivos. Cerâmicas campaniformes. (in Ferreira e Leitão, 1981, mod.).

Foram escassos os recipientes recolhidos, embora coexistindo formas muito distintas (Fig. 21):

- Vasos marítimos com decoração a pontilhado – 1
- Vasos com decoração linear a pontilhado – 1
- Caçoilas de perfil suave com decoração incisa – 2
- Caçoilas de ombro com decoração a pontilhado – 1
- Caçoilas de grandes dimensões com decoração incisa – 1
- Taças Palmela com decoração a pontilhado – 1
- Taças Palmela com decoração incisa – 6
- Taças em calote com decoração a pontilhado – 1
- Recipientes inclassificáveis com decoração incisa – 6

3. DISCUSSÃO

Com base nas observações acima apresentadas e cruzando as mesmas com a cronologia absoluta obtida para as respectivas estações objecto de caracterização, é possível apresentar os seguintes tópicos de discussão:

3.1. CRONOLOGIA ABSOLUTA

- 1. Com base na Fig. 22 pode concluir-se que o início da presença campaniforme na região ribeirinha do Tejo se situa cerca de 2700 cal BC, atendendo aos resultados obtidos na Cabana FM de Leceia.
- 2. Tanto os sítios de altura como os sítios abertos coexistiram ao longo de toda a segunda metade do 3.º milénio cal BC, conforme indicam as datações de radiocarbono correspondentes, tornando-se os segundos predominantes no último quartel do referido milénio.
- 3. As duas cabanas campaniformes de Leceia, edificadas no exterior da primeira linha defensiva (a mais exterior) coexistiram com a ocupação do interior da fortificação, embora ambas as cabanas possuam cronologias estatisticamente distintas.
- 4. À data da construção da cabana FM, cerca de 2700 cal BC, as produções campaniformes seriam ainda muito escassas no interior da fortificação, pois nos depósitos coevos aquelas não foram registadas.

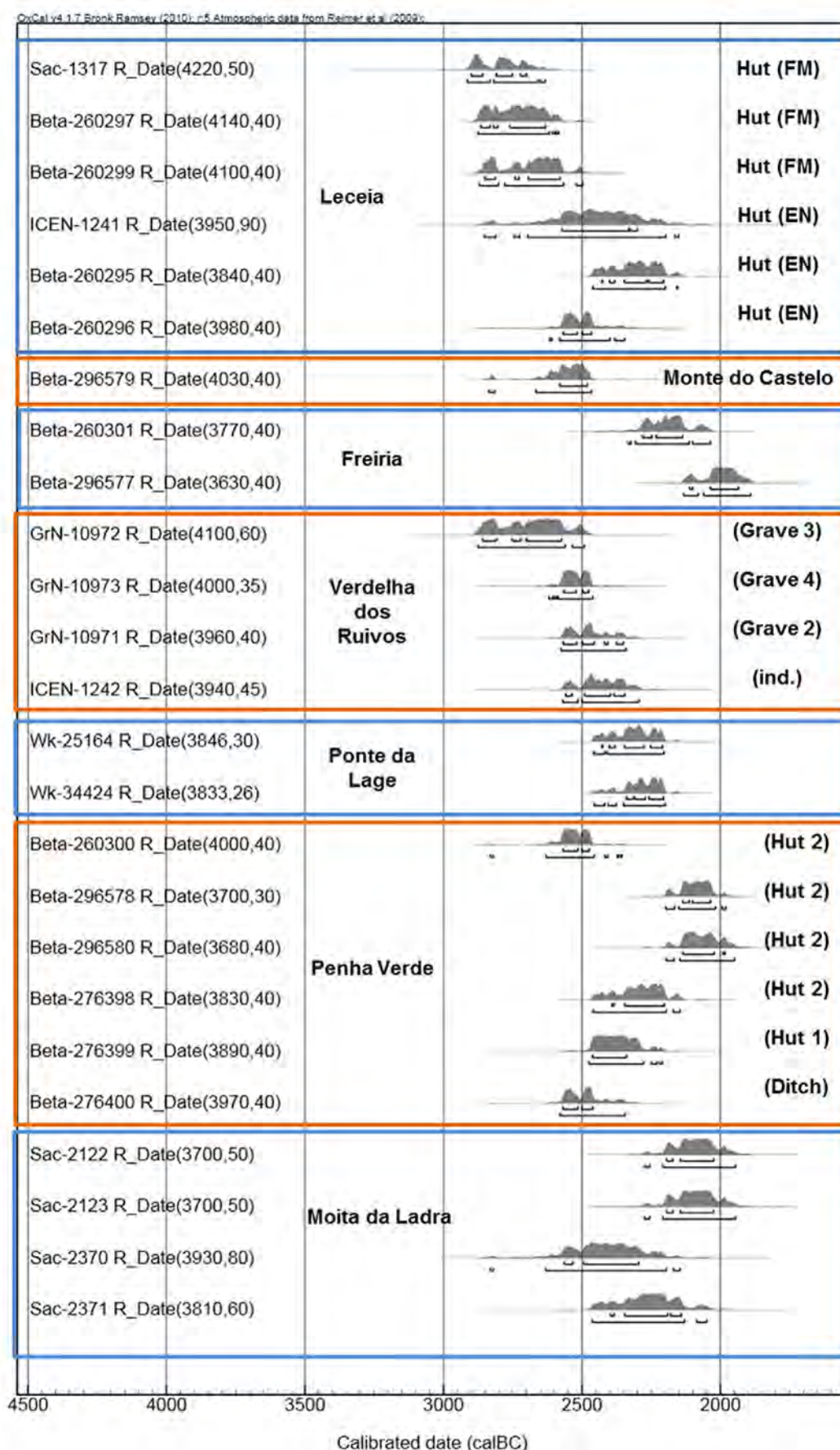


FIG. 22 Datações absolutas pelo método do radiocarbono obtidas para as estações estudadas.

- 5. A presença campaniforme no interior da fortificação é apenas coeva da construção da cabana campaniforme EN, embora existam grandes diferenças entre a tipologia das produções cerâmicas campaniformes provenientes de ambos os locais, a seguir caracterizadas.

3.2. TIPOLOGIA DAS PRODUÇÕES

No respeitante à distribuição tipológica das produções cerâmicas campaniformes face à natureza das estações e à sua cronologia absoluta (diacronia), é possível apresentar as seguintes conclusões, com base na informação empírica recolhida para este trabalho:

- 1. A coexistência numa unidade arquitectónica de vida curta como é a cabana FM de Leceia de produções campaniformes tipologicamente muito distintas, às quais se tem atribuído valor cronológico (Soares; Silva, 1974/1977) – Grupo Internacional; Grupo de Palmela e Grupo Inciso – embora no caso em apreço nenhum dos grupos referidos se destaque quantitativamente dos restantes, mostra que não é admissível atribuir significado cronológico aos referidos grupos, embora os mesmos possam ocorrer isoladamente. No que à região a norte do Tejo diz respeito, é lícito aceitar a existência no registo arqueológico, do Grupo Internacional (onde avulta o vaso marítimo decorado a pontilhado) e do Grupo Inciso em condições bem diferenciadas arqueograficamente.
- 2. Porém, como tais grupos podem ocorrer em estreita associação, como é o caso da Cabana FM de Leceia, importa encontrar outras razões para a sua existência, que não sejam as de carácter cronológico, a única justificação que tradicionalmente tem sido apresentada. Com efeito, as estações campaniformes estudadas, apesar de globalmente coevas ao logo da segunda metade do 3.º milénio a.C., tanto quanto é possível concluir pelo radiocarbono, exibem fortes diferenças no perfil tipológico das produções campaniformes respectivas.
- 3. A explicação para tais diferenças reside nas características específicas de cada um dos sítios. Assim, enquanto que, nos povoados fortificados estudados (Leceia, Penha Verde e Moita da Ladra), dominam as produções de cerâmicas campaniformes finas e de alta qualidade, representadas sobretudo pelos vasos marítimos e produções associadas, com decorações geométricas a pontilhado, nos sítios abertos, sejam pequenos povoados como Freiria, sejam núcleos familiares ainda mais pequenos, como o Monte do Castelo, os vasos marítimos são muito escassos, ou mesmo ausentes, encontrando-se substituídos por produções mais grosseiras, decoradas pela técnica incisa, ocorrendo de forma insistente ou mesmo

dominante os recipientes destinados ao armazenamento.

- 4. Mesmo dentro de uma única estação pode observar-se diferenciação entre os espólios campaniformes oriundos dos diversos *loci*. Assim, enquanto no interior da fortificação de Leceia dominam os vasos marítimos e associados, na Cabana EN eles estão totalmente ausentes, apesar de ambas as ocupações serem coevas. A presença das grandes caçoilas com decorações a pontilhado ou incisas recolhidas na Cabana EN, tornam aquele conjunto semelhante ao que seria de esperar encontrar num sítio habitacional aberto.
- 5. No que respeita às necrópoles, a tipologia das produções cerâmicas dá igualmente indicações interessantes. Com base em tais características, é possível associar a utilização da gruta da Ponte da Lage ao povoado aberto de Freiria, situado a cerca de 2 km para NW, enquanto que a gruta da Verdelha dos Ruvos não deve corresponder à necrópole do povoado de altura fortificado da Moita da Ladra, também a cerca de 2 km de distância, dado o facto de os espólios dos dois sítios serem totalmente distintos, apesar de parcialmente coevos.

É bem possível que as populações campaniformes, não aproveitassem indistintamente as sepulturas dos seus antecessores; seriam selectivos, destinando as grutas naturais a um segmento da sociedade, reservando os monumentos mais elaborados e onde a intervenção dos antepassados fosse mais evidente, para tumulação dos elementos mais destacados da comunidade. Tal é a conclusão a que se pode chegar quando se observam os belos vasos marítimos e caçoilas de cuidada execução a pontilhado das grutas artificiais de Alapraia e de Casal do Pardo, desconhecidas nas grutas naturais da região como as duas estudadas. Esta hipótese, que importa aprofundar, conduz à última questão desta comunicação.

3.3. INCIDÊNCIAS SOCIAIS

- 1. Parece evidenciar-se a coexistência de duas estratégias de povoamento na região, uma baseada em grandes povoados fortificados, outra, mais móvel e discreta, representada pelas duas cabanas de Leceia, que, não por acaso, se implantaram no exterior do dispositivo defensivo, constituído em importante pólo económico à escala regional. Em ambas os espólios campaniformes são exclusivos, o que conduz a considerar a possibilidade de terem coexistido, no decurso do Calcolítico da Baixa Estremadura, dois grupos humanos socialmente distintos. A coexistência entre esses dois grupos seria pacífica: de outra forma não se compreenderia a associação estratigráfica, nos sítios fortificados estudados neste trabalho, de produções de raiz local («folha de

acácia» e «crucífera») a produções campaniformes, no decurso de toda a 2.^a metade do 3.^o milénio a.C. (Leceia, Penha Verde e Moita da Ladra).

- 2. A predominância, nos sítios fortificados referidos, de vasos marítimos, caracterizados pela sua alta qualidade, entre as produções cerâmicas campaniformes, pode relacionar-se com o consumo de líquidos entre os quais produtos alcoólicos fermentados, associados às elites campaniformes, que a partir daqueles locais, passariam a assumir a administração dos territórios adjacentes. Por estes últimos se dispersava o segmento menos diferenciado das comunidades campaniformes, entregue à exploração agro-pastoril, em sítios abertos nos quais os vasos marítimos são notoriamente escassos, mas onde as produções de carácter local do grupo «folha de acácia» e «crucífera» também não ocorrem. Importa para já registar este facto, que carece de interpretação, talvez simplesmente pelo facto de os seus utilizadores se concentrarem nos povoados fortificados de altura, não ocupando de forma permanente os campos adjacentes.

4. CONCLUSÕES

O processo de interpretação integrado dos dados que neste momento existem – o próprio registo material e as informações acerca da cronologia absoluta das manifestações campaniformes na região ribeirinha do estuário do Tejo – foi o objectivo deste estudo. O desenvolvimento das investigações em curso irão, por certo, carrear mais informação, necessária para o cada vez mais rigoroso conhecimento do que terá realmente acontecido, a nível demográfico e social, sendo certo que os bons modelos dependem da qualidade dos dados em que se devem sempre basear: para já, e a nível dos principais resultados decorrentes deste estudo devem ser sublinhados os seguintes aspectos, para futura discussão:

- 1. Ao nível da organização interna das comunidades campaniformes duas observações e uma conclusão. Primeira observação: existe coexistência entre sítios campaniformes de altura e sítios campaniformes abertos, demonstrada pelo radiocarbono. Segunda observação: verificam-se assinaláveis diferenças na tipologia e qualidade das produções campaniformes predominantes nos dois tipos de sítios. Conclusão: existiu segmentação social entre os grupos sociais que ocupavam os dois tipos de sítios, com o segmento dominante da sociedade ocupando os povoados fortificados de altura.
- 2. Ao nível das relações intercomunitárias, uma observação e uma conclusão. Observação: a coexistência entre produções cerâmicas com distribuição geográ-

fica concentrada na Baixa Estremadura («folha de acácia» e «crucífera») e produções campaniformes, verificada nos sítios de altura e, ao mesmo tempo, a segregação espacial observada entre produções campaniformes e não-campaniformes observadas numa mesma estação (caso de Leceia, entre o interior da fortificação e as duas cabanas campaniformes existentes na sua adjacência imediata). Conclusão: a possibilidade de ter existido uma efectiva formação social campaniforme na região do estuário do Tejo, coexistindo de forma independente com a comunidade calcólica não campaniforme, concentrada nos povoados fortificados, retomando-se assim, com novas bases arqueológicas, a velha questão da efectiva existência de um «Beaker Folk» cujas origens poderiam sem dúvida situar-se na região em apreço, cujas as manifestações campaniformes se inscrevem entre as mais antigas do ocidente europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O povoado calcólico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2013) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 589-604.
- CARDOSO, J. L. (2014a) – Manifestazioni del vaso campaniforme nel territorio portoghese. In De MARINIS, R. C. (ed.) – *Le manifestazioni del sacro e l'Età del Rame nella regione alpina e nella pianura padana. Studi in memoria di Angelo Rampinelli Roca*. Brescia: Euroteam, p. 279-319.
- CARDOSO, J. L. (2014b) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), p. 56-75.
- CARDOSO, J. L. (2014c) – O povoado calcólico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. d' (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J.; CARREIRA, J. R. (1996) – Ocupação calcólica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6: 287-299. De col. com J. Norton e J. R. Carreira.
- FERREIRA, O. V.; LEITÃO, M. (1981) – *Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7/9, p. 101-112.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.